

EUA insistem em negociar dívidas caso por caso

externa

20 MAI 1984

Paris — Os Estados Unidos reiteraram aos ministros dos principais países industrializados, reunidos esta semana em Paris, que são contrários a mudança da atual estratégia de negociar “caso por caso” os problemas da enorme dívida externa das nações do Terceiro Mundo. França e Japão, por sua vez, destacaram a gravidade da crise financeira que afeta os países em desenvolvimento.

O problema do endividamento do Terceiro Mundo, disse o ministro francês da Economia, Jacques Delors, permanece suspenso como “uma espada da Dâmocles” sobre os países industrializados, no momento em que estes se beneficiam de uma reativação econômica.

Apesar da ajuda do ocidente desde o início da crise financeira, os países do Terceiro Mundo que têm uma dívida calculada em 750 bilhões de dólares — deverão fazer frente a uma “concentração de grandes vencimentos” de pagamentos entre 1986 e 1988, destacou Delors.

Por sua vez, o ministro japonês das Relações Exteriores, Shintaro Abe, afirmou que só foi percorrida uma parte do caminho para solucionar o “complexo e difícil problema” da dívida dos países em desenvolvimento.

Precisamente quando a questão da dívida do Terceiro Mundo se torna mais grave, com a alta das taxas de juros — como destacaram dirigentes de vários países da América Latina — o governo norte-americano negou-se ontem na reunião de Paris a qualquer “mudança fundamental” na estratégia adotada até agora, que consiste numa mistura de rigor nos países endividados e de ajudas financeiras externas temporárias.

Afirmando que a estratégia continua sendo “apropriada” para fazer frente ao desafio da dívida do Terceiro Mundo, o secretário norte-americano do Tesouro, Donald Regan, rejeitou qual-

quer limitação às taxas de juros para os empréstimos bancários aos países endividados, uma idéia defendida por altos funcionários financeiros como Paul Volcker, presidente do Banco Central dos Estados Unidos, ou Alden Clausen, presidente do Banco Mundial.

Sem negar que “resta muito por fazer” para se chegar a uma solução, Regan manifestou satisfação pelos “progressos significativos” registrados há um ano por alguns “países chaves” em suas políticas de ajuste econômico.

O Japão, contudo, destacou que a política de gestão rigorosa e a redução das importações destes países, podem ter “efeitos secundários como o aumento do desemprego, crescimento ameaçado e instabilidade política”.

Para os países industrializados, as ajudas financeiras do Fundo Monetário Internacional (FMI) e dos bancos comerciais há quase dois anos não representam “soluções aos problemas a longo prazo do serviço da dívida dos países endividados”, disse o ministro australiano das Relações Públicas, Bill Hayden.

Uma reativação do comércio internacional parece indispensável para permitir que os países em desenvolvimento restabeleçam sua situação. Estes países exportaram 580 bilhões de dólares, ou seja 17 vezes o total da ajuda que receberam dos países industrializados, disse o subsecretário de estado norte-americano, Kenneth Dam.

Os ministros dos 24 países membros da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), reunidos em Paris, insistiram na necessidade de reativar o comércio mundial e lutar contra o protecionismo.

Mas, como disse o ministro turco Vahit Hafoglu, “é paradoxal ver os países da OCDE continuarem aplicando restrições comerciais, ao mesmo tempo em reiterar sua adesão ao sistema aberto de intercâmbio multilateral”.